

JULIO
DANTAS



Herberto Souza



A SEVERA

SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL

HA

A SEVERA

A SEVERA

JÚLIO DANTAS

1901



WWW.LOBOAZUL.NET

A SEVERA



INTRODUÇÃO

Esta novela de Júlio Dantas, publicada em 1901, conta a história de Maria Severa Onofriana, a prostituta de raízes ciganas a quem a história dá a autoria de ter sido a primeira fadista e de ter "criado" o Fado, tal como ele se conhece hoje.

Severa não inventou o Fado propriamente dito; muito menos foi a primeira a cantá-lo; mas antes dela "o Fado" nada mais era do que uns cantares, em grupo, de rufiões, maltrapilhos, ciganos, marinheiros e bêbados de toda a ordem que enchiam as tabernas e tascas das vielas antigas do Bairro Alto, da Mouraria e de Alfama, em Lisboa. Se não fosse por Severa, o Fado provavelmente nunca teria passado disso. Foi ela que, um dia, por acaso, pegou numa guitarra e começou a tocar e a cantar o Fado à sua maneira, dando-lhe a forma e o ritmo que hoje ele tem. Foi ela que lhe deu popularidade, sendo a autora e compositora de muitos dos fados que cantava, e foi ela que definiu a imagem de "cantadeira" de Fado com o xaile à cintura ou aos ombros (embora ela preferisse usar xailes de várias cores, não pretos).

Conta-se que percorria os bairros populares de Lisboa, e a sua voz animava as noites de muitas tertúlias bairristas. Várias tabernas ficaram famosas só pela sua presença. Mas a notoriedade de Severa estendeu-se muito para além dos

bares e tabernas e isso deve-se muito à época em que viveu e que ela própria ajudou a caracterizar.

No início do século XIX a noite boémia de Lisboa dividia-se em duas fações: a dos salões nobres da nobreza e fidalguia com todas as suas convenções, e a dos bares e tabernas de má fama recheadas de ladrões e prostitutas em que imagens de mulheres meio despidas, chinelas no pé, cigarros lambidos, peúgo riscado, chapéu às três pancadas, navalha no bolso e pancadaria tendo como banda sonora a guitarra, faziam parte do cenário típico de uma noite de divertimento das ruas e vielas de má reputação. Estes ambientes acabariam por ser um foco de curiosidade e atração para muitos fidalgos lisboetas do século XIX, sobretudo jovens, que usavam o encoberto na noite para se misturarem nestes ambientes tão perigosos como atrativos de modo a poder usufruir de muitos prazeres vedados pela imposição da moral e bons costumes da época, a que a sua posição social exigia. Neste curioso fenómeno social, acaba-se por se estabelecer assim uma peculiar relação de familiaridade entre a elite da sociedade portuguesa e a sua classe mais marginal.

Foi graças ao contacto da fidalguia com esse ambiente que os cantares da Severa ganharam maior destaque pois esses mesmos fidalgos, apreciadores da sua voz e da sua música, passaram a convidá-la para cantar em eventos sociais, incluindo festas nas próprias casas, causando a reação bombástica nos jornais cujos cronistas denunciavam a situação em dizendo coisas como: "sabe-se que

o mundo está perdido quando os nobres demandam tabernas e meretrizes são recebidas em salões".

Mas a maior projeção de Severa veio através das touradas, que nos inícios do século XIX eram o desporto mais popular da época (O futebol só surgiu no final do século XIX e só ganhou mediação no século XX), praticado por jovens cavaleiros fidalgos mas apreciado por populares. Foi na pantomina das touradas que os cantares da Severa se tornaram mais conhecidos, juntando multidões que se deslocavam às feiras e festas que se organizavam em redor da praça de touros, mas que paravam tudo quando ela se punha a cantar.

Foi nesses espaços que Dom Francisco, o jovem Conde de Vimioso e cavaleiro tauromáquico, conheceu a Severa e a relação tempestuosa de ambos deu azo a grande escândalo, boatos e histórias. Tudo isso fez aumentar o mito que foi a Severa - a cigana da bela voz que despertava paixões, ocasionava desvarios e fazia perder a serenidade e a compostura a fidalgos, burgueses, artistas e políticos.

Severa acabaria por morrer muito nova, com apenas 26 anos, vítima de tuberculose, deixando um grande legado e uma multiplicidade de "descendentes" fadistas que lhe seguiram os passos e das quais Amália foi a maior delas todas. Mas sobre isto diz-se: Amália pode ter consagrado o Fado como música erudita, cantando a alma de um povo e levado a sua música aos quatro cantos do mundo, mas sem a Severa, o Fado não teria existido.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Decididamente, o Romão Alquilé, com a cara luzidia pelo sol, desajeitado e alegre, com a jaqueta a apertar-lhe o peito, a espora a tilintar no sapato de bezerro, todo o seu ar de alentejano ricaço, testudo como os asnos de Alvalade e torto como as azinheiras da sua terra, decididamente — como ia dizendo — o Romão Alquilé era o mais patego dos troquilhas (*1) de Portugal. Conhecido como “o cão ruivo”, tratava de igual para igual ciganos e marialvas (*2), homens de negócios e mendigos de rua. De bom coração, é verdade, mas com o olho sobre o ombro, de poucas falas, desconfiado como sete e parvo como vinte. Tinha uma fraqueza: as carroças. Era uma tentação.

[() 1 Troquilha = aquele que troca, um comerciante, ligado sobretudo e venda de animais nas feiras. 2 Marialva = Cavaleiro, fidalgo; o equivalente do inglês “gentleman”. Também está associado a um homem mulherengo, um “playboy” que gosta de seduzir mulheres e que gosta de atividades ligadas à cavalaria e às touradas.]*

— Ainda, um dia me troco a mim mesmo! — rosnava ele, a coçar a cabeça, depois de perder umas pratas na taverna do Penim.

Ia a caminho das feiras, a bolsa de chita cheia de ouro, chambão e contente, e na volta, vinha alagado em suor, com um lenço entalado no pescoço e os olhos a rirem-lhe da vitória, trazendo umas moedas a menos, e a mais algum triste cavalito mazelento de carga.

Ao fim e ao cabo, era esperto: a carroça, que nem servia para uma atafona (*), estava a modos que a desfazer-se; mas nem por isso o amigo Romão deixava de gabar-se, às pessoas que passavam ou que trabalhavam nas hortas:

— Mas enganei-os! Enganei-os, com mil diabos!

[() moinho movido à mão ou por força animal]*

Quando começava com bazófias, era rir só de o ver.

O que ele contava de truques e de manhas, santo Deus! Contava sempre a história de certo cavalo rodado, velho que podia ser avô dele, e com mazelas procedidas de curas, que era um verdadeiro S. Lázaro (*). Tinha-o vendido a um espanhol, na Aqualva, por quinze moedas. Bom dinheirinho.

[() O homem a quem Cristo ressuscitou]*

— Limei-lhe os dentes por causa da idade, pus-lhe mel na boca para fazer boa espuma e grosei-lhe os cascos por via da moléstia, — explicava o bom do Romão nas reuniões dos troquilhas.

— É porque o espanhol era cego! — disse uma vez, um cigano. E, se os não afastassem dessa vez, corria sangue.

Mas havia uma raça de animais que Romão gostava tanto como às carroças: eram as mulheres da vida. Galdrana (*) que passava, na sua saia de ganga amarela, era vê-lo logo fungar e a piscar-lhe o olho:

[(*) *Prostituta*]

— Égua de raça! Égua de raça!

Certa noite, ao voltar da Charneca, ali pelo S. Bartolomeu, depois de ter deixado o cavalo numa estalagem do Arco do Marquês de Alegrete, com a calça de belbutina coberta de poeira, a cara tisonada pelo sol, a espora pintada de sangue, o nosso Romão foi subindo a rua. Quem o visse, havia de dizer que ele ia a pensar na vida. Nalguma baldroca infeliz, ou nalguma outra besta esparavonada paga a peso de ouro na feira. Pois enganavam-se. O Romão ia a pensar, nada mais, nada menos, do que num saio encarnado que tinha visto

numa rapariga bonitota, lá para os lados da Ameixoeira, ao sol, entre a vegetação loura de um campo ceifado.

O raio daquele saiote tinha-lhe dado a volta ao miolo. E não era bem a rapariga que o turvava: era o saiote, um saiote vermelho, vivo como uma pastada de sangue, no meio do ouro dos restolhos. Ainda chegara a parar o cavalo, numa curva da estrada, quando viu a rapariga: o coração bateu-lhe forte, a vista embaciou-se! Podia vir alguma carga de paus nos lombos, que valia a pena.

O Romão era um homem cauteloso e prudente. Mandou o cavalo andar, e ele aí foi, sem olhar para trás.

Quando, chegado ao Arco, já de volta, deixou o bicho na estalagem, levava a sua fisgada.

[Ler mais](#)